

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## A TRAJETÓRIA DE JONATHAS GRANVILLE NO ATLÂNTICO DURANTE A ERA DAS EMANCIPAÇÕES (1785 – 1839)

Bethânia Santos Pereira

Doutoranda em História da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

[bethaniapereira21@gmail.com](mailto:bethaniapereira21@gmail.com)

A partir de 1791, os escravizados da colônia francesa de São Domingos, atual Haiti, iniciaram aquela que seria a maior revolta escrava da história. Dentro de dois anos, os exércitos militarmente organizados dos escravizados colocaram fogo nas plantações de cana, destruíram o maquinário de produção de açúcar e mataram os colonos brancos (DUBOIS, 2012, p. 15). Em 1794, o governo republicano francês foi obrigado a declarar o fim da escravidão em suas colônias. No mesmo período, o governo da ilha foi habilmente tomado por Toussaint Louverture, ex-escravizado que tornou a ilha quase independente do poder francês (JAMES, 2010, p. 220). Como governador-geral da colônia, Louverture procurou manter o sistema de produção de açúcar, a fim de garantir alguma autonomia econômica para a ilha. Mas a situação mudou com o fim da república francesa. O governo de Napoleão Bonaparte pretendia restaurar a escravidão nas colônias. Para tanto, ele enviou tropas do exército que, embora tenham conseguido prender Louverture e enviá-lo para uma morte solitária na França, não tiveram sucesso na restauração da escravidão. Foi a partir dessa segunda parte da guerra que os habitantes de São Domingos vislumbraram a independência como única forma de manter a igualdade para todas as raças. Sob a liderança de Jean-Jacques Dessalines, Henri Christophe, Georges Biassou e outros, o exército haitiano derrotou os soldados de Napoleão (FICK, 2004, p. 211). Em 1 de janeiro de 1804, foi assinada a declaração de independência do mais novo país, com Dessalines definido como o governador vitalício.

A guerra pelo fim da escravidão e pela independência trouxe uma nova configuração política, econômica e social para o país. Mas, além disso, criou um complexo sistema de refugiados de guerra. Grande parte dos exilados, principalmente brancos que mantinham propriedades no Haiti, se refugiaram nas outras ilhas do Caribe, como Jamaica e Cuba, ou foram para o sul dos Estados Unidos (JANSEN, 2019, p. 341; DEBIEN, 1953; YACOU, 1987). Mas, mesmo antes da guerra, já havia uma intensa

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

circulação de pessoas, produtos, ideias e impressos entre o Caribe e a França (MONGEY, p. 2019, p. 187). Nesse período, as motivações para as viagens variavam, compreendendo desde motivos profissionais até a realização de casamentos e manutenção de redes de contato e estabelecimento de acordos políticos. A ida de Jonathas Granville para França se concretizou em 1799, quando ele tinha apenas quatorze anos. Como forma de acalmar os ânimos da ilha que entrava em convulsão, o governo francês criou um projeto educacional para receber, em Paris, meninos de diferentes famílias de São Domingos para que pudessem estudar às expensas da metrópole. *Metrópole* (MADIOU, 1847, p. 331). O grupo era formado por garotos brancos, mulatos e negros. Todos seriam enviados para estudar na mesma escola, sob os cuidados do abade Coisnon, padre abolicionista que mantinha estreitos contatos com grupos a favor da igualdade das raças (GAINOT, 1825, p. 23).

A família Granville foi contemplada com um lugar para o filho mais novo, muito provavelmente, por conta da sua posição na sociedade de São Domingos. Eles viviam em uma propriedade de quase 60 hectares no norte da ilha e tinham uma casa próxima da cidade de Porto da Paz. Os Granville eram uma família de 5 pessoas: duas filhas que atendiam pelos nomes Anne-Marie-Thérèse e Thérèse; Jonathas, o único filho homem e os pais, Marie-Thérèse-Anne Labrosse, uma mulher negra nascida livre, e Simon Pierre Granville, francês branco da Ilha Bourbon, atual Ilha da Reunião (MONGEY, 2019, p. 11). Antes do acirramento da guerra, a família Granville tinha relações próximas com Louverture e gozava de certa influência na região onde viviam. Simon Pierre foi tutor de um dos filhos do governador da ilha por algum tempo.

Alguns dias antes da viagem, os meninos escolhidos – que formavam um grupo intitulado *Les Elèves de la Patrie* (Os estudantes da Pátria) – participaram de um banquete servido no Palácio Nacional. Lá, eles ouviram de Touissant Louverture que, embora a França fosse a pátria a qual pertenciam, foi em São Domingos que nasceram, e para a ilha deveriam retornar a fim de retribuir todo o conhecimento adquirido em Paris (MADIOU, 1847, p. 331) Ao desembarcar na França, o grupo de alunos foi enviado para os cuidados do abade Coisnon.

O grupo a que pertencia Granville foi o último coletivo de estudantes que contou com a presença de meninos negros e mulatos. A chegada de Napoleão ao poder e o fim

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do governo republicano trouxeram a extinção de grande parte das conquistas políticas alcançadas pelas pessoas de cor dentro das colônias francesas (BENOT, 2006). A escola teve seu fim decretado gradualmente: diminuição do dinheiro investido pelo governo francês, redução do corpo docente e disciplinas como artes, dança e música foram tornadas opcionais, de forma que o currículo ficou mais próximo do que era ensinado nas escolas da Marinha e do Exército. Com o fechamento definitivo da escola, os alunos brancos foram enviados de volta para suas casas e aos de ascendência africana, foi entregue a soma de 200 francos para que pudessem encontrar uma forma de viver na França de Napoleão. Ao fechar a escola, o Ministro da Marinha e das Colônias afirmou que o governo francês já havia contribuído demais para “criaturas como aquelas vindas das colônias” (MONGEY, 2019, p. 4).

A intensificação da guerra fez com que a situação da família Granville, em São Domingos, ficasse ainda mais complicada. Em carta de 1802, Simon-Pierre contou ao filho que, na ilha, tudo estava perdido devido ao caráter cruel e bárbaro de Louverture (GRANVILLE, 1873, p. 8). Na mesma carta ele pediu ao filho que se dedicasse aos estudos com ainda mais afinco. A eminência da morte de Simon-Pierre, que contava 69 anos, fez o pai temer pelo futuro de sua esposa e filhas. Assim, recaiu sobre Granville a responsabilidade pela família após o falecimento do patriarca. A confiança da família Granville na ascensão através da educação aparece em diversos momentos. Em uma carta recebida por Granville em 1799, Anne Labrosse pede ao filho que não se entregasse à preguiça e ao ócio, para que fosse útil a si mesmo e a seus concidadãos. Ao final da carta, a mãe afirma que é através do estudo que nos tornamos contemporâneos aos homens e cidadão de todos os locais<sup>14</sup>. Seguindo a recomendação do pai, Granville entrou para a escola de medicina de Paris em 1802. No ano seguinte, as mulheres da família Granville conseguiram passaportes que as habilitaram a embarcar para França, apesar dos impedimentos colocados por Napoleão que restringiam a circulação de pessoas negras. Foi mais ou menos na mesma época, por razões ainda pouco esclarecidas, que Granville largou a escola de medicina e ingressou no exército francês (MONGEY, 2019, p. 5).

Segundo biografia publicada por seu filho Jonathas Henri Théodore Granville, em 1873, Jonathas Granville obteve bastante sucesso na carreira militar. Em 1806, aos 20

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

anos, Granville foi incorporado ao 1º Regimento de Artilharia Marinha da França. Conseguiu escapar vivo da batalha contra a Alemanha em 1813 e, a partir daí, foi promovido naquele mesmo ano a sargento, sargento-major, cavaleiro da Legião de Honra, subtenente e, por fim, tenente do 2º Batalhão de Guerra do 1º Regimento da Artilharia da Marinha (GRANVILLE, 1873, p. 14). Granville ainda foi prisioneiro de guerra após a batalha de Leipzig, onde ficou gravemente ferido em diferentes partes do corpo. Mas, além do exército, ele também exerceu outras profissões. Foi professor de dança, matemática e francês nos anos que morou em Brest por conta da guerra (GRANVILLE, 1873, p. 12).

Em 1814, o afastamento do exército napoleônico trouxe para Granville e suas irmãs a possibilidade de voltar para o Haiti, antiga São Domingos. Além disso, a situação sob a monarquia Bourbon era um pouco mais favorável para os haitianos e haitianas do que durante o governo napoleônico. A partir de 1816, as rígidas leis que restringiam a circulação de pessoas de cor e os bloqueios econômicos contra o Haiti foram suspensas. Embora a França só tenha reconhecido a independência de sua ex-colônia em 1825, os Bourbon tentaram, mais de uma vez, negociar o status do Haiti, oferecendo acordos que transformariam a ilha numa espécie de protetorado. Como esses acordos foram recusados, ainda era impossível sair da França em navegação direta para o Haiti. Por isso, a família Granville fez um dos dois caminhos mais comuns para os retornados: da França para os Estados Unidos, e dali para Porto-Príncipe. A outra rota era pela ilha dinamarquesa de São Tomás.

Ao chegar no Haiti, Granville foi recebido pelo presidente Jean-Pierre Boyer. A partir desse momento, os dois estiveram sempre muito próximos. Essa proximidade lhe possibilitou acesso a cargos privilegiados dentro do governo: entre 1817 e 1819, ele substituiu o comissário do governo nos tribunais de cassação e de primeira instância de Porto Príncipe. De 1820 a 1824, esteve à frente do Ministério da Guerra, trabalhando sob ordens diretas do presidente. Foi membro da comissão do governo para a educação pública e diretor do Liceu de Porto Príncipe. Além dele, outros haitianos haviam retornado no mesmo período. O jornalista Joseph Courtois, que foi para a França no mesmo grupo de Granville – e manteve a amizade com ele ao longo de toda a vida – é um exemplo de que, para a elite haitiana, o retorno era uma possibilidade real. Ao voltar,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Courtois abriu uma tipografia com máquina recebida do irmão e comandou, junto com sua esposa Juliette Courtois, um dos jornais de maior duração do século XIX no Haiti, o *Feuille du Commerce*. (MONGEY, 2012).

Além dos retornados, naquele momento, o Haiti figurava como destino importante para pessoas negras vindas de diferentes lugares do mundo. Essa movimentação foi encorajada pelo Art. 44 da Constituição de 1816: “Qualquer africano, indígena ou seus descendentes, nascido em colônias ou países estrangeiros, que queiram residir na República serão haitianos naturalizados, mas gozarão dos direitos de cidadania somente após um ano de residência” (JANVIER, 1886, p. 117). Granville e sua família estiveram informalmente conectados aos projetos de imigração. O marido de sua sobrinha, Silvain Simonise, era um haitiano naturalizado nascido na Carolina do Sul (ARDOUIN, 1860, p. 288). Após se estabilizar na ilha, Simonise criou uma sociedade de apoio aos imigrantes dos Estados Unidos no Haiti, em 1820. Seus esforços trouxeram alguns trabalhadores de Louisiana (MADIOU, p. 24).

A concretização da ação de Granville na vinda dos imigrantes veio em 1824. Após negociações com Loring Dewey, membro da *American Colonization Society*, o presidente Boyer enviou Granville como seu representante para os Estados Unidos, com o objetivo de apresentar o projeto de imigração e conversar com possíveis interessados (ARDOUIN, p. 294). Durante a viagem, Granville passou por diferentes cidades: Nova York, Baltimore, Filadélfia e Nova Brunswick, no Canadá. Sua passagem foi registrada por jornais abolicionistas da época, como o *Niles Register* e o *Genius of Universal Emancipation* (Contudo, aparentemente, foi em Baltimore onde ele ficou mais tempo e teve oportunidade de se reunir com homens e mulheres negros e negras, na *Bethel Church*. Segundo Power-Greene, a presença de um homem negro, negociando diretamente com outras pessoas negras a saída dos Estados Unidos trouxe preocupação para os abolicionistas que conduziam o projeto de criação da Libéria (POWER-GREENE, 2014, p. 36). Apesar disso, Granville foi capaz de encontrar apoio entre alguns membros da *American Colonization Society*. Além dos jornais, a passagem de Granville por Baltimore foi registrada por um dos retratistas da cidade, Phillip Tilyard (SHARP, 1980, p. 145).

Tilyard foi um retratista que, embora não seja lembrado atualmente, teve uma

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

carreira relativamente reconhecida na sua cidade natal. Entre 1827 e 1828, Tilyard foi contratado para fazer o retrato de cerca de 25 pessoas. Dentre os retratos, foram encontrados médicos e pessoas como Robert Gilmor, um importante colecionador de arte de Baltimore (HUNTER JR, 1950, p. 402). Mas a realização do retrato de Granville parece estar relacionada com a participação de Tilyard nos encontros abolicionistas da cidade. Ao nascer, ele foi batizado com o nome de Philip Thomas Coke Tilyard, em homenagem ao bispo metodista Thomas Coke que participava da luta anti-escravidão (SHARP, 1980, p. 23). Além disso, o registro de Tilyard foi localizado nas listas das reuniões da *Baltimore Emigration Society*, entidade que tinha o objetivo de organizar as propostas de imigração para as pessoas negras e com quem Granville se reuniu (SHARP, 1980, p. 145) Embora o livro de registros de clientes de Tilyard não tenha nenhuma anotação para os trabalhos que ele realizou antes de 1827, não existe qualquer dúvida sobre a autoria do retrato. Ele sempre pertenceu à coleção particular do artista e, em 1979, foi levado para o *The Baltimore Museum of Art*, onde permanece até hoje. O retrato foi intitulado de *The First Envoy of Santo Domingo* (SHARP, 1980, p. 135).

O retrato é uma pequena pintura a óleo, de 51cm x 48cm, com Granville posicionado de frente para o artista, em pose de três quartos. Ele tem um brinco de argola na orelha, o que era comum na representação de africanos e seus descendentes (BITTERCOURT, 2015, p. 53) A claridade da pintura permite ver detalhes da roupa de Granville. Ele veste uma camisa branca, de gola grande que cobre o pescoço, fechada por botões dourados e, por cima, um casaco simples de cor escura, contrastando com a camisa. A pintura não tem mais elementos além de Granville, mas é semelhante a outros trabalhos de Tilyard. Os retratos de John Paul Cockey III e John George Chapell feitos pelo mesmo artista apresentam a mesma composição com um fundo neutro, o retratado também em pose de três quartos e com roupas que seguem padrões muito próximos.

No seu retorno para o Haiti, Granville não levou a pintura. Ela permaneceu em Baltimore, na posse de Tilyard e sua família. Mas esse não foi o único retrato de Granville localizado. A cópia da sua biografia contém uma sobrecapa que apresenta um outro retrato. A gravura está um pouco danificada, mas é um tanto diferente da pintura feita por Tilyard. Ele aparece também em pose de três quartos, com o corpo

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

levemente inclinado para o lado, vestindo um casaco adornado com bordados nas mangas e na gola e com a mão esquerda dentro do casaco parcialmente aberto, em posição bastante difundida em retratos de personalidades políticas e pessoas com cargos importantes nos séculos XVIII e XIX (MEYER, 1995).. A legenda da imagem diz se tratar de uma cópia de uma pintura feita por Revinchal, amigo de Granville.

Entre 1833 e 1839, Granville ainda esteve ligado à política do país. Ele ainda exerceu diferentes funções, sempre nomeado pelo presidente. Foi advogado, aduaneiro e, novamente, comissário do governo no tribunal da cidade de Gonaïves. Em 1839, no dia 6 de junho, Granville morreu. Segundo seu filho, sob condições muito suspeitas. Ele afirma enfaticamente que seu pai foi mortalmente ferido na cabeça, como se tivesse sido atingido por uma espada. A justificativa oficial, entretanto, foi a de que uma “queda grave” lhe tirou a vida (GRANVILLE, 1873, p. 323).

O fim da Revolução Haitiana e das o fim das restrições de mobilidade para pessoas negras imposto por Napoleão, cerca de dois mil haitianos – entre homens, mulheres e crianças – estavam vivendo na França na primeira metade do século XIX (MONGEY, 2019, p.1) As experiências de vida dessas pessoas frequentemente se cruzavam. A condição de refugiado colocava uma situação de instabilidade. Por isso, a criação de “laços diaspóricos” entre essas pessoas davam origem a comunidades das mais diferentes características, mas que mantinham uma rede na qual todos estivessem interligados. Essa rede poderia ser ativada de acordo com as necessidades de cada imigrante ou refugiado. A experiência do exílio trouxe a incerteza como parte da vida dessas pessoas. Mas foi por causa dessa instabilidade que os imigrantes tinham que remodelar suas próprias identidades em diferentes circunstâncias e momentos (LANDERS, 2010, p. 4) É a partir desse processo que podemos observar a agência de cidadãos haitianos, fora da ilha, no momento em que a existência do Haiti ainda era incerta.

Nessa perspectiva, o retorno de Granville para o Haiti constitui um ponto fundamental para analisar os espaços de mobilidade e negociação da identidade para pessoas negras. Ainda são poucos os trabalhos que exploram as condições dos retornados dos haitianos, mas uma quantidade razoável de pessoas fez o caminho de volta. Com o fim do governo de Napoleão, as possibilidades de mobilidade para

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

peças negras ficaram menos restritas. Em 1813, a família Granville fez sua viagem de volta para a ilha. O não reconhecimento da independência do Haiti pelos franceses dificultava a obtenção do passaporte, principalmente porque não eram permitidos passageiros na viagem da França para o Haiti. O trajeto disponível era apenas via Estados Unidos ou com uma parada na ilha holandesa de São Tomás.

O processo da volta teve um impacto considerável no pós-independência por conta das habilidades e conexões trazidas por essas pessoas. Granville, como indicado anteriormente, conseguiu cargos bastante próximos do presidente. Sua mãe e irmãs estiveram, em grande parte da vida, atuando em escolas próprias de educação para meninas. A atuação dos retornados marca também o início da construção do estado haitiano. Quando essas pessoas saíram da ilha, o território ainda era uma colônia francesa. No retorno, é um país independente, com um novo nome e uma configuração econômica e social diferente do que havia no pré-independência. Retomar a biografia de Jonathas Granville significa também reconstruir as relações que ele estabeleceu enquanto francês crioulo de São Domingos, morando em Paris e que, com a independência da colônia, teve sua identidade e pertencimentos alterados. Isso permite reposicionar a história do Haiti nas narrativas históricas globais e transatlânticas, a partir do momento em que localiza os haitianos e haitianas livres no pós-abolição (TROUILLOT, 1990):

A concretização do projeto de imigração criado por Boyer pode ser visto como um dos momentos importantes para a consolidação da relação do Haiti com outros países foi. E ele aconteceu por intermédio de Granville. O representante haitiano chegou aos EUA em um momento em que as discussões sobre a criação da Libéria estavam em andamento. Mas a presença de um homem negro, falando por um país negro independente trouxe algumas questões quanto a viabilidade da imigração para Libéria, principalmente entre as pessoas negras. Desde 1818, o Haiti já era apresentado como uma opção real. Prince Saunders, que atuou pela causa abolicionista nos Estados Unidos, mostrou o Haiti como uma possibilidade para os afro-americanos que estavam com medo de seguir para a Libéria, já que o projeto criado pela *American Colonization Society* era visto como uma outra forma de colonização imposta pelos brancos (POWER-GREENE, 2014, p. 25).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Segundo Power-Greene, os projetos de mudança para Libéria e Haiti não eram interpretados como equivalentes, mas como alternativas opostas. Os líderes negros, nos Estados Unidos, se apropriaram das políticas migratórias de Boyer para fortalecer o discurso em torno de um nacionalismo negro aliado com uma retórica de identidade diaspórica africana, e que, ao mesmo tempo, lutava contra a supremacia branca (POWER-GREENE, 2014, p. 27). Assim, a chegada de Granville a Baltimore, depois de ter passado por Nova York, Filadélfia e Boston, trouxe mais elementos para uma discussão que já existia entre os afro-americanos dos Estados Unidos.

O encontro de Granville com outras pessoas negras na Bethel Church, em Baltimore, foi bastante significativo. A igreja foi construída a partir do esforço de metodistas negros da cidade. Era um centro de encontro para homens e mulheres negros e negras e para abolicionistas brancos. Além disso, foi por conta do ativismo dos membros da Bethel Church que a cidade teve a primeira escola comandada por pessoas negras (JONES, 2018). Ainda que o número de emigrados para o Haiti seja um pouco incerto, a presença de Granville evidenciou em que ponto estavam as discussões sobre raça, nacionalismo negro e imigração nos Estados Unidos.

A passagem do representante haitiano foi intensamente registrada pela imprensa abolicionista estadunidense. Benjamin Lundy, quaker ativista pelo fim da escravidão e editor do *Genius of Universal Emancipation*, escreveu alguns artigos sobre as reuniões com Granville em seu jornal. O *The National Gazette and Literary Register*, da Filadélfia, publicou as cartas em que Boyer explicava aos agentes da ACS quais seriam as condições para a realização da migração (GRANVILLE, 1873, p. 114). O *New York Commercial Adviser* acompanhou alguns momentos da viagem de Granville, preocupando-se em descrever sua aparência física, seus modos e as reuniões de que ele participou em Nova York (GRANVILLE, 1873, p. 118).

Os diversos termos utilizados para as descrições físicas de Granville nos jornais norte-americanos levantam algumas questões sobre a recepção do representante haitiano nas cidades dos Estados Unidos. Ainda no *New York Commercial Adviser*, do dia 18 de junho de 1824: “O agente do Hayti, como vemos agora, é um cavalheiro inteligente e bem-educado, tem a aparência de um *dark mustee*...” (GRANVILLE, 1873, p. 54). Já o *Nile's Weekly Register*, jornal de Baltimore, apresentou uma breve

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

descrição do significado de *dark mustee*: "Seu nome é Granville, e ele foi visto como um cavalheiro muito bem-educado e inteligente - com a aparência de um *dark mustee* - 'não é mais escuro do que um peruano ou mexicano!'" (GRAVILLE, 1873, p. 102). A expressão *dark mustee*, utilizada para introduzir Granville ao público norte-americano, tem definições bastante arbitrárias na história dos Estados Unidos.

Segundo John Strong, a palavra *mustee* quase sempre era associada a pessoas com alguma ascendência indígena, mas as variações do seu uso tornaram o termo impreciso. Ele apresenta como exemplo um nativo da América do Norte chamado Nemus Killis. Ele fazia parte de uma extensa família de nativos que incluíam diferentes etnias. Ao longo da vida, Killis foi identificado como *indian* e *dark mustee* (STRONG, 2016, p. 146). A pouca definição do termo também é destacada por Jack Forbes. Para ele, é bastante evidente que a palavra poderia indicar miscigenação e era aplicada para não-brancos. Ao tentar encontrar a origem dos termos utilizados para identificar os nativos do norte da América, Forbes concluiu que, inicialmente, o *mustee* chegou na América através dos colonizadores espanhóis e era uma variação de *mestizo*, uma forma de separar as pessoas de origem europeia e americana das que eram afro-americanas. Nos Estados Unidos, a palavra passou a ser utilizada para identificar qualquer um com origem nativa ou afro-americana ou euro-americana. Mesmo que Forbes não afirme com muitas certezas que o termo era usado apenas para pessoas com alguma origem nativa, ele indica como eram arbitrários e variados os termos utilizados por brancos para identificar e descrever os não-brancos. A ausência de definições do que seria uma pessoa negra, ou nativa ou de origem mestiça deixava espaço aberto para categorizações que dependiam da subjetividade das pessoas brancas e não de algum conhecimento sobre os não-brancos (PEREIRA, 2019, p. 25).

A análise do retrato, principalmente em diálogo com a gravura produzida no Haiti, evidencia a assimetria das relações de poder que culminou na produção dos dois retratos. Segundo Muller, o interesse ao olhar para essas duas obras é entender como seus elementos podem ser entendidos dentro da combinação de códigos de uma hierarquia social e política que tinha um funcionamento específico em cada lugar (MULLER, 2008, p. 30). No caso, com elementos e codificações diferentes para Haiti e Estados Unidos. No seu país natal, Granville era um homem mulato, que falava

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

francês e inglês, morou na metrópole e fazia parte de um círculo relacionado à educação formal e de contato constante com a elite política do país. Nos Estados Unidos, ele era o representante do primeiro país negro fora da África. Como essas identidades foram articuladas não apenas por Granville mas por seus interlocutores. Nesse sentido, Erica Moiah James indica que o caminho para entender a arte haitiana do século XIX é diferente daquele utilizado para a arte ocidental. Segundo ela, os retratos haitianos tem sua potência revelada não por uma suposta inovação como obras de arte originais e singulares, mas sim pela maneira que concretizam uma episteme generativa sobre a história do Haiti e representações artísticas de pessoas negras em um momento bastante específico (JAMES, 2019, p. 21). Portanto, o proposto aqui é sobre os retratos dentro de conformações sociais, políticas e a dimensão da arte nesses campos (JAMES, 2019, p. 62).

A dimensão atlântica da trajetória de Granville está relacionada com a possibilidade de movimento. Ao analisar a trajetória da família Tinchant ao longo de mais de 100 anos, Rebecca Scott e Jean Hébrard demonstram como as escolhas individuais e coletivas dos membros da família estavam condicionadas por fenômenos maiores, como a guerra, a escravidão e a hierarquia social (SCOTT, 2014, p. 19). Nesse sentido, a trajetória de Granville pode ser analisada a partir da mesma ótica. O movimento contínuo dos sujeitos e como eles encontraram um caminho em momentos de turbulência abre um leque de alternativas para analisar as possibilidades disponíveis para um homem negro de elite na virada do século XVIII para o XIX.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## BIBLIOGRAFIA

ARMITAGE, David. Três conceitos de história atlântica. *História Unisinos*. v. 18, n. 2, 2014, p. 209.

BENOT, Yves. *La demence coloniale sous Napoleon*. Paris: La Découverte, 2006.

BITTENCOURT, Renata. *Um dândi negro: retrato de Arthur Timótheo da Costa de Carlos Chambelland*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 2015

BLACKBURN, Robin. *The American Crucible*. Slavery, Emancipation and the Human Rights. New York: Verso, 2013.

DEBIEN, Gabriel. Les colons de Saint-Domingue Refugiés a Cuba. *Revista de Indias*, n. 54, 1953, p. 559-605.

DUBOIS, Laurent. *Avengers of the New World*. The Story of the Haitian Revolution. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

DUBOIS, Laurent. *Haiti: the aftershocks of history*. New York: Metropolitan Books, 2012.

FICK, Carolyn. *The Making of Haiti*. The Saint-Domingue Revolution from below. Knoxville: The University of Tennessee Press, 2004.

GAINOT, Bernard. “La Décade et la ‘colonisation nouvelle’”. *Annales historiques de la Révolution Française*. v. 339, jan.-mar. 2005.

HUNTER JR, Wilbur H. Philip Tilyard. *The William and Mary Quarterly*, v. 7, n. 3, p. 393 – 405, 1950.

JAMES, C.L.R. *Os Jacobinos negros*. São Paulo: Boitempo, 2010.

JAMES, Erica Moiah. Decolonizing time: Nineteenth-Century Haitian Portraiture and the Critique of Anachronism in Caribbean Art. *Nka: Journal of Contemporary African Art*, n. 24, 2019.

JANSEN, Jan C. Brothers in exile: masonic lodges and the refugees of Haitian Revolution, 1790s – 1820. *Atlantic Studies*, v. 16, n. 3, 2019, p. 341 – 363.

JONES, Martha. *Birthright citizens : a history of race and rights in antebellum america*. New York : Cambridge University Press, 2018.

LANDERS, Jane G. *Atlantic Creoles in the Age of Revolutions*. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

MEYER, Arline. Re-dressing Classical Statuary: The Eighteenth-Century “Hand-In- Waistcoat” Portrait. *The Art Bulletin*, v. 77, n. 1, p. 45-63, 1995.

MONGEY, Vanessa. “A tale of two brothers: Haiti’s other revolutions”. *The Americas*, v. 69, n. 1, 2012, pp. 37-60.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MONGEY, Vanessa. “Going home: The back-to-Haiti movement in the early nineteenth century”. *Atlantic Studies: Global Currents*, v. 16, n. 2, 2019.

MULLER, Kevin. From Palace to Longhouse: Portraits of the four indian Kings in a Transatlantic Context. *Journal of American Art*, v. 22, n. 3, 2008.

PEREIRA, Bethania. Os dois retratos de Granville: categorias raciais e representação artísticas nos Estados Unidos e no Haiti no século XIX. *Revista Eletrônica da ANPHLAC – Dossiê Afro-Américas*, n.27, 2019, p. 12-36.

POWER-GREENE, Ousamane K. *Against the Wind and tide. The African-American Struggle against the Colonization Movement*. New York: New York University Press, 2014.

ROUSSIER, Michel. “L'Education des enfants de Toussaint Louverture et l'Institution nationale des colonies”. *Revue française d'histoire d'outre-mer*, v. 64, n. 236, 1977. p. 308-349.

SCOTT, Rebecca J. *Provas de liberdade: uma odisséia atlântica na era da emancipação*. Coautoria de Jean M. Hébrard. Tradução de Vera Joscelyne. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

SHARP, Helen Towley McElhiney. *Philip Thomas Coke Tilyard: Baltimore Portraitist*. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de Delaware, Newark, 1980.

STRONG, John A. *The Unkechaug Indians of Eastern Long Island: A History*. University of Oklahoma Press, 2016. TROUILLOT, Michel-Rolph. “The Odd and the Ordinary: Haiti, the Caribbean, and the World”, *Cimarrón: New Perspectives on the Caribbean*, v. 2, n. 3, 1990.

YACOU, Alain. La presence française dans la partie occidentale de l'île de Cuba au lendemain de la révolution de Saint-Domingue. *Outre-mers. Revue d'histoire*, v; 74, n. 275, 1987.

## FONTES

ARDOUIN, Beaubrun. *Études sur l'Histoire d'Haiti*. Tomo 9. Paris: Dézobry, E. Magdeleine et C. Libraires-Éditeurs, 1860.

GRANVILLE, Jonathas Henri Théodore. *Biographie de Jonathas Granville par son fils*. Paris: Imprimerie de E. Brière, 1873.

JANVIER, Louis-Joseph, *Les Constitutions d'Haiti (1801 -1855)*. Paris: Marpon Flammarion, 1886.

MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haiti*. Tomo I. Port-au-Prince: Imprimerie de Jh.Courtois, 1847.

NAU, Émile. *Histoire des Caciques d'Haiti*. Paris : Gustave Guérin Éditeur. 1894.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

SAINT-MÉRY, Médéric Louis Elie Moureau de. *Description Topographique, Physique, Civile Politique et Histoire de la Partie Française de L'isle Saint-Domingue*. Paris : Dupont Libraire, 1797.

*Genius of Universal Emancipation*, 3 de junho de 1824.